

ECONOMIA EM JUNHO DE 2026

A redução das tensões no Oriente Médio e a normalização do petróleo reduziram os riscos de um choque energético global mais persistente, devolvendo o foco dos mercados aos fundamentos econômicos. Nesse ambiente, os principais bancos centrais adotaram postura mais hawkish: o Fed passou de “cut-or-hold” para “hold-or-hike”, enquanto BCE e BOJ elevaram juros. No Brasil, o Copom voltou a cortar, mas o ciclo deve se encerrar em breve. Com o choque de energia se dissipando, a persistência inflacionária e as novas funções de reação passam a guiar o cenário global.

Nos Estados Unidos, o crescimento segue resiliente, apoiado por investimentos em IA, impulso fiscal e consumo mais forte no 2T26. O mercado de trabalho permanece firme, apesar da criação de 57 mil vagas em 06/2026, abaixo do consenso, com desemprego em 4,2%. A inflação segue como principal risco, com núcleo do PCE projetado perto de 3,3% em 2026, acima da meta. Nesse contexto, o Fed retirou o “easing bias” e passou a sinalizar “hold-or-hike”, reforçando o compromisso com a inflação em 2%.

Na Área do Euro, a economia mostrou resiliência, sustentada por mercado de trabalho firme, expansão fiscal alemã e recuperação gradual da indústria. A inflação evoluiu melhor que o esperado após a alta de 25pb em 06/2026, com serviços surpreendendo para baixo e menor risco de efeitos de segunda ordem. Assim, o debate no BCE passou de “quanto apertar” para “por quanto tempo manter”.

Na China, a atividade segue resiliente, puxada por investimento industrial, IA e exportações, embora ainda desequilibrada pela fraqueza do setor imobiliário e da demanda doméstica. A inflação permanece baixa, refletindo excesso de capacidade e dificuldade de repasse de custos. A menor demanda chinesa por petróleo também ajudou a estabilizar os mercados de energia. Com inflação baixa, política monetária acomodatória e espaço fiscal, o país mantém capacidade de estímulo se a atividade perder força.

No Brasil, a resiliência da atividade e do mercado de trabalho levou o Banco Central a revisar o hiato do produto do 1T26 de +0,1% para +0,5% no Relatório de Política Monetária do 2T26, com crescimento de 2026 estimado perto de 2%. O desemprego segue na mínima histórica e os salários reais crescem acima da produtividade. Na inflação, o IPCA em 12 meses superou o teto da meta, enquanto os núcleos seguem elevados, com riscos vindos do mercado de trabalho apertado, El Niño, câmbio e estímulo fiscal.

Na política monetária, o Copom cortou a Selic em 25pb para 14,25% a.a. em 06/2026, em linha com o consenso, mas com justificativa considerada desconfortável por depender de horizonte estendido até o 1T28. Ata e Relatório de Política Monetária indicaram descompasso entre diagnóstico mais duro e condução flexível, com balanço de riscos altista, mas sem “forward guidance” forte. Novos cortes dependerão de reancoragem das expectativas, desaceleração clara da atividade e ausência de novos choques de oferta.

ÍNDICES	MÊS	ANO	12 M	24 M	36 M	48 M	60 M
CDI	1,12%	6,85%	14,78%	28,70%	43,75%	63,22%	77,34%
IMA-S	1,12%	6,95%	14,99%	29,25%	44,56%	64,51%	79,72%
IDA-DI (CRÉDITO PRIVADO)	1,23%	7,09%	14,92%	30,71%	51,56%	69,50%	88,36%
IMA-B	-1,04%	4,08%	8,26%	16,19%	19,75%	35,94%	41,08%
IRF-M	0,69%	5,06%	12,12%	24,62%	34,45%	56,96%	59,72%
DÓLAR	2,37%	-5,92%	-5,14%	-6,88%	7,42%	-1,17%	3,49%
IBOVESPA (AÇÕES BRASIL)	-1,01%	6,76%	23,89%	38,83%	45,68%	74,57%	35,66%
MSCI WORLD (Moeda original)	-0,80%	8,92%	19,85%	37,41%	62,65%	89,52%	59,93%
NASDAQ (Moeda original)	-2,81%	12,79%	28,69%	47,83%	90,12%	137,69%	80,74%
S&P 500 (Moeda original)	-1,06%	9,55%	20,86%	37,34%	68,51%	98,11%	74,51%